Nota: Texto elaborado a partir de um resumo de relatórios feito por Pe. Jandir Ferrari (ex-Assessor Regional) em 1986.

BIBLIOGRAFIA

— *Relatórios de Encontros da Pastoral da Juventude*

— *História da PJ no Brasil* — Instituto de Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul — Porto Alegre — 1990

— *8º Plano de Pastoral 1990-1994* — CNBB/Regional Sul IV Florianópolis — 1990.

— *Conclusões de Medellin — Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* — Secretariado Regional Sul III — Editora Metrópole — Porto Alegre — 1968.

— LIBÂNIO, J. B.. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina — Conclusões: PUEBLA* — Edições Loyola — São Paulo — 1979 — 7ª ed.

Endereço do autor:
a/c Pastoral da Juventude —
CNBB — Regional Sul IV
Caixa Postal 1.640
88001 — Florianópolis, SC

OS JOVENS E A MORAL

Pe. Orlando Brandes
Professor de Teologia Moral

O presente estudo centraliza-se ao redor de quatro eixos básicos. O primeiro estuda a relação entre a moral dos adultos e a dos jovens num contexto dialético. O segundo capítulo contempla o tema em pauta e as classes sociais, ou seja, a moral da juventude marginalizada e da "juventude dourada". No terceiro estágio estudamos a bela e profunda Carta de João Paulo II aos Jovens e às Jovens do Mundo em comemoração ao Ano Internacional da Juventude (1985). No último capítulo, trazemos alguns pontos importantes no que tange à educação moral e aos jovens.

Num artigo como este, o autor tem uma multiplicidade de opções, pois o assunto dá margem para tanto. Optei não pelo aprofundamento de um tema, o que aliás seria muito louvável, mas preferi oferecer ao leitor um panorama de temas relativos à juventude e a moral.

Gostaria de ter acrescentado um capítulo sobre os "filhos de pais separados", mas faltou espaço. Todavia, aumenta a realidade das separações e com elas este fenômeno social, psicológico e moral dos filhos de pais separados e as novas questões que surgem.

Desde Puebla, a Igreja na América Latina optou pelos jovens. Na realidade, nas opções que se seguiram, os jovens ficaram em segundo plano ou até esquecidos. Agora, com a Campanha da Fraternidade em nível de Brasil, certamente recuperaremos os espaços perdidos e preencheremos a opção feita em Puebla, para que não se diga dos jovens que também eles são "um rebanho sem pastor"

O protesto dos jovens é uma resposta à moral dos adultos

I. OS JOVENS, OS ADULTOS E A MORAL

A) A MORAL DOS JOVENS COMO "RESSONÂNCIA" DA MORAL DOS ADULTOS.

1. O comportamento dos adultos, mormente dos pais, afeta diretamente o comportamento dos jovens, tanto negativa como positivamente. Muitas vezes o protesto dos jovens é uma resposta à moral dos adultos, principalmente quando a consciência jovem é domesticada pela imposição dos mais velhos, criando o fenômeno da "consciência oprimida".

2. A crise moral da juventude se situa na crise moral dos adultos: contestação de valores, injustiças, desemprego, alienação política, descrença com ideologias, descrença nas instituições. Esta crise vem dos adultos, dos centros de poder. Uma das respostas dos jovens é a "contra-cultura", a tentativa de criar uma nova maneira de viver, uma nova moral, uma nova proposta de vida.

3. Os jovens são os que mais sofrem com as imoralidades dos adultos; as desavenças e a separação dos pais, o tráfico de narcóticos, a massificação dos mass-mídia, a destruição ecológica, a ameaça armamentista e nuclear, o mercado do lazer. Se o jovem procura uma "ética da satisfação", é porque ele é condicionado pelo mundo ilusório dos adultos. Seu mundo é ressonância da moral dos adultos, e seu "enigma existencial" leva-os a interrogações, suspeitas e indiferença.

4. Quando educar significa proibir, impor, enquadrar, moldar, estamos diante de um fenômeno de coerção, repressão e restrição moral. Abafa-se a criatividade, limita-se a liberdade, e mais que uma educação moral, estamos fazendo, na verdade, uma "colonização", uma "civilização" do pequeno selvagem. Tudo passa a ser moralização. Não resta ao jovem senão optar pela apatia ou pelo protesto, pela indiferença ou pela revolução. Nestas alturas os pais soltam as rédeas e eis a permissividade, o desligamento, o descompromisso, a omissão, que são tão ruins quanto a opressão. Segue-se para o jovem a pior das opções: a "moral do oportunismo". Ser livre agora é ter o poder de fazer o que se quer, é administrar mil possibilidades com uma acumulação de poder que chamamos, equivocadamente, de liberdade.

A mudança da moral dos jovens passa pela mudança dos adultos

A mudança da moral dos jovens passa pela mudança dos adultos. A proposta de uma revolução ética e espiritual da humanidade é uma das grandes esperanças dos homens e mulheres de boa vontade.

B) OS JOVENS ESTÃO MUDANDO A MORAL DOS ADULTOS

1. A maioria dos jovens não aceita mais sujeitar-se a normas e proibições, se não compreendem seu sólido fundamento racional. Hoje não é mais possível dizer: "eu proíbo você de fazer isso. . . Eu obrigo você a fazer aquilo."

2. Os jovens analisam as origens das normas e contestam as incoerências, optando pela liberdade. Esta atitude força os adultos a rever sua moral e analisar seus comportamentos. Tal fato acaba por levar os mesmos adultos a não se sentirem mais culpados como se sentiam diante de determinadas experiências, e os leva até a imitar os jovens, vivendo hoje o que lhes foi

proibido no passado. Gera-se uma espécie de "ciúme dos jovens de hoje".

3. A moral dos jovens provoca uma mudança de valores. Vejamos alguns: a preferência pela autenticidade e sinceridade, contra as poses, as aparências e incoerências. Outra mudança é percebida no espírito de partilha da propriedade, do colocar as coisas em comum, a sensibilidade pela comunhão. Também não interessa muito ao jovem o êxito social, o status, a carreira. Interessam-lhe sim, os relacionamentos sadios e verdadeiros. O êxito está no relacionar-se. A maior mudança, porém, ocorre na esfera da sexualidade, e por esta via os jovens arrastam com relativa facilidade os adultos.

4. Outras mudanças trazidas pela moral dos jovens acontecem no conceito de culpa, de pecado, onde a moral tradicional parece "um país inabitável". Esta mudança é provocada pela nova concepção de tempo como lugar onde acontece o novo, o imediato, o agradável e oportuno. A "moral do oportunismo" toma espaço em todos os cantos, mas com ela estamos nos limites do relativismo, do utilitarismo. Surge, então, o momento de pôr em relação os diversos horizontes entre si e criar a "moral do discernimento".

Refletiremos a seguir a respeito de moralidade dos jovens e as classes sociais, focalizando duas situações: *a juventude marginalizada* e *a juventude dourada*. Acrescentamos a contribuição do Documento de Puebla, que analisa o comportamento da juventude também sob o prisma das classes sociais.

II. A MORAL DOS JOVENS E A CLASSE SOCIAL

A) A MORAL DA JUVENTUDE MARGINALIZADA.

Entendemos por juventude marginalizada aquela "massa de manobra", mão-de-obra barata, produto do sistema econômico concentrado e marginalizante que se expressa nos jovens sob a forma de analfabetismo, desemprego, alienação política, manipulação e exploração. Vejamos alguns aspectos da moral da juventude marginalizada, que é marcada pela ambigüidade.

As ditaduras do Terceiro Mundo reduziram os jovens ao silêncio

1. É a "geração do silêncio e da revolta". O Documento de Puebla (1175-78) situa a juventude marginalizada entre os indígenas, camponeses, mineiros, pescadores, operários, desempregados, jovens de subúrbios. Segundo Frei Betto, as ditaduras do Terceiro Mundo reduziram os jovens ao silêncio, à marginalização, à alienação política e social, proibindo-os de pensar criticamente e de participar. É a geração do silêncio imposto.

Os que rompem o silêncio encantam-se pelo radicalismo, pela revolução e até pelo terrorismo. Ao lado do silêncio deparamos o radicalismo, a revolta em diferentes sentidos, como escreve J. B. Libânio: "radicalismo religioso (seitas), político (terrorismo), boêmio (narcóticos), delinqüente (violência)".

2. É a "geração da apatia e da consciência crítica". Sem alcançar as esperanças depositadas nas ideologias, decepcionados com as lideranças e até com as curtições, os jovens se isolam na apatia, no ceticismo, no viver amoral, no alcoolismo. Outros, compõem as grandes massas de migrantes para as cidades e até sonham sair de seus países. A política, o trabalho e a família, que seriam as três grandes esperanças da juventude, causam hoje as maiores decepções e geram a apatia.

É preciso confiar nos jovens e envolvê-los nos processos

A mesma marginalização, com a ajuda dos adultos, das pastorais das Igrejas, poderá ser motivação para o cultivo da consciência crítica, do protesto profético, da coragem evangélica. João Paulo II dizia aos jovens coreanos: "a Igreja é vossa casa. Tomai vosso lugar". Gorbachov escreve em Perestroika: "é preciso confiar nos jovens e envolvê-los nos processos políticos e econômicos. Não procurar agradá-los, mas dar-lhes responsabilidades" (pág. 131).

3. É a "geração das evasivas e da esperança". Fugir para sobreviver, fugir para imitar, é a fuga para os "paraísos artificiais" das seitas, das drogas, da violência. Os que conseguem livrar-se das ilusões vestem a camisa da esperança, saciando sua sede do Absoluto, a atração pela verdade, o desejo de justiça, liberdade e paz. Das cinzas nasce a vida, a esperança.

B) MORAL DA "JUVENTUDE DOURADA".

A assim chamada "juventude dourada" são os filhos de papai, a juventude burguesa, que Puebla chama de "folgada" (1175), jovens da vida fácil e vazia, embora economicamente bem sucedidos. Vamos, então, verificar a moral desta faixa da juventude.

1. São jovens da "geração do eu". Nascem rodeados de mimos, tornam-se o centro de todas as atenções, onde seus desejos são todos satisfeitos, onde o agradável tem primazia. Todos giram ao redor destes filhos quase semideuses, dotados de um ego onipotente. Mais tarde estes jovens viverão a ética agradável, serão vítimas da onda (penteado, traje, cabelo etc.), consumirão conforme os moldes da sociedade, enfim, "curtir a vida" é o princípio que vai reger seus comportamentos. É a "geração do eu"

2. A "juventude metálica". Estes jovens cultivam a mística do barulho, do som, do rock, da euforia, da dissipação, sem possibilidade de concentração, de silêncio, de encontro consigo mesmo. Quase sempre fugitivos de si e desertores de Deus, os jovens são vítimas dos "mercadores da ilusão". Aprendem a desvalorizar o trabalho, a degradar a liberdade, a mutilar o amor. São "viajores sem bagagem". Só uma reeducação ética poderá recuperar-lhes os grandes valores e o sentido da vida.

3. São "jovens da cultura da morte". Os jovens e a morte estão muito próximos. O suicídio acontece mais entre eles que entre adultos. Acrescentamos ainda as mortes pelo aborto, uso de drogas, aids, trânsito, álcool e constataremos como a morte está próxima desta juventude. João Paulo II dizia aos jovens do Canadá: "O jovem de hoje experimenta a vertigem do nada". Eros e Thánatos se avizinham cada vez mais no meio da juventude.

4. São jovens da "moral da facilidade". A sociedade de consumo facilita a "ética da satisfação" na idolatria do ter, poder, prazer. A facilidade como critério ético é altamente deseducadora, porque impede a maturidade moral que se adquire com a responsabilidade e doação de si. A facilidade prepara uma "sociedade de lobos", isto é, de competição de oportunismos, de carreirismo,

A moral da facilidade é imoral

portanto, de "egoísmo amoral". Estes jovens já não assumem compromissos duradouros como o casamento, depreciam a profissão, o trabalho, desacreditam das instituições. A moral da facilidade é imoral.

c) O JOVEM E A MORAL NO DOCUMENTO DE PUEBLA.

1. O Documento de Puebla (1167) define a juventude não como idade cronológica, mas como "atitude frente à vida". É uma definição moral. Ao descrever as características da juventude (1168), acentua a dimensão moral: inconformismo, espírito de aventura, capacidade criadora, aspiração ao melhor, aspiração

à liberdade, que é a "aspiração mais forte", sensibilidade aos problemas sociais, exigência de autenticidade e simplicidade, rejeição da mentira.

Por outro lado, o que mais desorienta os jovens, segundo Puebla (1170) é a falta de ética como: incoerência, manipulação, consumismo, pedagogia do instinto, droga, sexismo, ateísmo.

2. No que tange à moral social, Puebla afirma que a missão da juventude na sociedade é a de dinamizar. Só o diálogo tornará viável esta missão. Negado o diálogo, os jovens abraçam as ideologias, a acomodação, a indiferença, o cinismo. Dois fatores manipulam a juventude de maneira poderosa: a política e o uso do tempo livre. No campo político temos os excessos da radicalização e da alienação. No tempo livre, o esporte e os mass mídia ora educam ora manipulam, e massificam.

3. Em relação à Igreja, Puebla afirma que os jovens são força renovadora. Uns amam a Igreja, outros a questionam, outros são indiferentes. Há os que querem Cristo separado da Igreja, há os que se servem da Comunidade Eclesial para seus interesses e há os que buscam nela um espaço de liberdade.

4. Em relação à Pastoral, Puebla quer uma pedagogia que leve à conversão e compromisso, facilite a escolha vocacional, oportunize retiros, jornadas, encontros e missão para os jovens, especialmente nos lugares mais necessitados. A Pastoral da Juventude deve ajudar o jovem a construir uma espiritualidade apostólica com repercussão sociopolítica, assumindo a Doutrina Social da Igreja, em vista da mudança das estruturas, com senso crítico frente aos contravalores e facilitando o relacionamento com os diversos movimentos. O amor a Maria ajuda o jovem a ser Igreja.

O terceiro capítulo do nosso estudo, a seguir, é bem localizado. Trata-se da Carta Apostólica do Papa aos Jovens do mundo, um "tesouro" que nos foi presenteado com originalidade e profundidade, por ocasião do Ano Internacional da Juventude (1985).

III. OS JOVENS E A MORAL, NA CARTA DE JOÃO PAULO II AOS JOVENS DO MUNDO.

O Papa inicia seu documento com aquele famoso princípio teológico criado por ele mesmo: "o Homem é o caminho da

Os jovens são também a juventude da própria Igreja

Igreja". Caminho de sua vida e experiência cotidiana. Assim os jovens são também a juventude da própria Igreja, uma vez que a Igreja é a juventude do mundo, isto é, enquanto juventude e Igreja procuram doar-se, renovar-se e partir para novas conquistas. A Igreja olha para si mesma do modo especial nos jovens, e estes são sua esperança.

A juventude é também uma etapa chave na vida de todos os homens, "um bem especial de todos" (nº 1), um bem da própria humanidade. Nos jovens está a esperança e portanto neles está o futuro. Cabe-lhes hoje preparar o futuro. Eis uma dimensão eminentemente moral.

1. CRISTO FALA COM OS JOVENS.

É o diálogo entre Cristo e o jovem rico (Mc 10, 17-22): "Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?"

1.1 Respondendo à pergunta do jovem, Jesus recorda o decálogo, os mandamentos. Depois, Jesus "fita-o com Amor" (Mc 10, 20) e o aconselha a vender seus bens e dá-los aos pobres. Cada jovem é um interlocutor potencial neste diálogo de Jesus com o jovem rico.

Este jovem tinha muitos bens. Por isso, no final vai afastar-se de Jesus. O Papa faz aqui uma reflexão muito original a partir do tema: "a juventude é uma riqueza singular" (nº 3). Os bens daquele jovem não são apenas os bens materiais. A própria juventude é uma riqueza singular do homem. É um tempo de descoberta do "eu humano", é uma potencialização do projeto de vida. Será que esta riqueza também afasta de Cristo?

Certamente, não. O que afasta é o apego aos bens. O que levou o jovem a procurar Jesus foi a riqueza que está em cada jovem e, como jovem, ter observado os mandamentos. Mas, esta riqueza que está em cada jovem leva-o a interrogações. O interlocutor mais competente é, sem dúvida, Jesus.

1.2. No diálogo com o jovem, Jesus declara que "só Deus é bom". Só Ele é Absoluto, fundamento último, primeira e última fonte. Só Deus é bom porque Ele é Amor. Sem ele, o mal apresenta-se como bem e o bem fica desqualificado. Sem Deus, o homem não pode compreender a si mesmo, nem realizar-se. Ainda mais, no fracasso, na decepção, na desilusão com o mal, só Deus é a solução definitiva.

1.3. Cristo é o melhor confidente da juventude. Ele é a testemunha última daquele destino também último que todo homem tem em Deus. Ele guia o homem para além da fronteira da morte. Por isso, o jovem pergunta: "Que devo fazer para alcançar a vida eterna?" Tal pergunta é feita por todos os homens de todos os tempos. A juventude faz esta pergunta dentro do seu projeto de vida, isto é, pergunta pelo seu fim.

Os mandamentos são as bases essenciais do comportamento

1.4. Jesus pergunta a cada jovem: "Conheces os mandamentos?" Os mandamentos são as bases essenciais do comportamento, são o código de moralidade que também está inscrito na consciência moral da humanidade. Nela ressoam os mandamentos. Portanto, com esta pergunta, Cristo atinge o estado das consciências, ou seja, a posição de cada um diante do bem e do mal moral. É o nível dos valores morais que é a dimensão mais importante do tempo e da história. Formando bem sua personalidade moral, o jovem oferta à comunidade e à sociedade a sua melhor contribuição. Cada um contribui para a riqueza da comunidade por meio daquilo que é (nº 7).

1.5. Jesus "fitou-o com Amor". João Paulo II deseja que cada jovem experimente um "olhar" assim. "Cristo vos fixa com Amor", repete o Papa aos jovens. Ele fita com Amor cada pessoa. Este "olhar amoroso" é o próprio Evangelho. Já o livro do Gênesis relata que "Deus viu que tudo era muito bom" (Gn 1, 31). Este primeiro olhar do Criador reflete-se no olhar de Cristo ao jovem do Evangelho. Na cruz este "olhar" atinge seu mais alto grau de Amor. É o Amor redentor e esponsal do Cordeiro. Igualmente na experiência da culpa, da fraqueza, do fracasso, como na traição de Pedro, Cristo olha para cada um com amor. É necessário este amoroso olhar, é necessária essa consciência de ser amado, ela nos permite sobreviver, pois o amor é maior que o pecado.

1.6. O jovem pergunta a Jesus: "Que me falta ainda?" É a aspiração a "alguma coisa a mais". Certamente este algo a mais são as Bem-Aventuranças e os Conselhos Evangélicos: pobreza, castidade e obediência. Sim, porque o "algo a mais" significa uma vida além dos mandamentos, uma vida consciente do dom, pois viver o dom de si é a configuração da maturidade humana e cristã. Outro dado a ser levado em conta no diálogo entre o jovem e Jesus é a liberdade da resposta, seguindo Jesus com liberdade, no dom de si, pela mediação dos Conselhos Evangélicos, o Mundo Novo.

1.7. Os primeiros passos no seguimento de Cristo acontecem nos sacramentos, especialmente o batismo, a Eucaristia, a penitência, a ordem e o matrimônio. O Papa convida os jovens a abrir-se ao chamado à vida consagrada, que é um bem-aventurado

caminho da doação de si. Por outro lado, o matrimônio, este grande mistério de amor, é igualmente doação por sua vocação ao "amor esponsal", isto é, ao dom de si, à entrega, à oblação.

2. OS JOVENS E A VIDA SOCIAL.

2.1. A vida humana é um conviver "com os outros e para os outros". Assim deve ser na família, na nação, na vida pública. Nunca "uns contra os outros, nem uns acima dos outros", mas todos no "amor social" temos responsabilidades com a família, com a nação, com o bem comum. Colocar os talentos à disposição, especialmente através do trabalho, que de certa forma "cria o homem". Deriva daí o direito à instrução, à educação, pela qual se dá o encontro com a verdade. Todo jovem tem o instinto da verdade dentro de si.

Cada jovem deve assumir por si mesmo a obra da própria educação

2.2. Cada jovem deve assumir por si mesmo a obra da própria educação, pois os jovens têm em si mesmos congênitos o "sentido da verdade" e o "desejo da liberdade". Importa usar a liberdade para aquilo que é verdadeiro, pois a liberdade contém em si o critério da verdade. Ser livre é usar a própria liberdade para aquilo que é um verdadeiro bem. A juventude, pelo trabalho, pela instrução, pela auto-educação, é a "escultora que modela toda a vida".

2.3. Graves ameaças sondam os jovens. Ameaças que podem imprimir marcas peculiares para o resto da vida. O Papa salienta algumas ameaças (n.º 13): criticismo exasperado, a tentação do cepticismo, o cinismo petulante, a comercialização do divertimento, a permissividade unida ao egoísmo, isolamento, a fuga do esforço, a satisfação imediata dos desejos, o gozo dos bens materiais, as miragens enganadoras dos instintos, a ilusão do álcool, droga, sexo, a indiferença e a violência.

3. A JUVENTUDE COMO "CRESCIMENTO".

3.1. O Evangelho de Lucas (Lc 2, 52) relata que Jesus "crescia em sabedoria, em idade, e em graça diante de Deus e dos homens". Assim, a juventude é um crescimento global mediante Cristo, isto é, uma fase ascendente, naquilo que é verdadeiro, bom, belo. Este crescimento precisa do contato com a natureza cósmica, aprendendo com o "livro aberto da natureza", aberto a todos. Crescimento no esporte, no domínio de si, na cultura, na sabedoria, na amizade, no discernimento. Crescer na sabedoria é crescer na doação de si, ser para os outros. Enfim, crescer em Deus, na oração, na liturgia, nos grupos, nos apostolados.

3.2. Crescer na sabedoria, no âmbito da civilização tecnológica, significa defender a vida na terra pela "consciência ecológica", significa arranjar tempo para o contato com a natureza, aceitando a fadiga e o esforço que este contato comporta, mas tudo isto colabora para um sadio repouso, tão necessário para o estudo e o trabalho. A alegria de dominar-se e de superar os obstáculos e as resistências constitui um dos elementos do "crescimento" da juventude.

4. O GRANDE DESAFIO DO FUTURO.

4.1. A Igreja e os jovens. Olhando para os jovens, a Igreja olha para si mesma de modo especial. São João escreve: "Escrevo-vos, jovens, que já vencestes o Maligno... porque sois fortes... a palavra de Deus permanece em vós" (1Jos, 13-14). A Igreja olha para si mesma nos jovens, isto é, ela se vê em crescimento no caminho do ecumenismo, no diálogo inter-religioso, na busca da paz. A Igreja se vê nos jovens quando como eles busca a paz, a justiça, a comunhão, sendo sacramento de salvação para o mundo.

É a vitória da fé sobre o pecado pessoal e social

4.2. "Jovens, vencestes o Maligno": é a vitória da fé sobre o pecado pessoal e social e, ao mesmo tempo, a vida na graça. "Conheceis o Pai"... realmente, se não houver um Pai não há irmãos: Pai Nosso! O Pai nos empenha na defesa da fraternidade, da solidariedade, e afasta a inimizade, o ódio, a discriminação, a violência, o terrorismo. "Vós sois fortes"... fortes na luta contra o mal, a exploração, a injustiça, a mentira, a falsidade. Fortes na prática do bem, na doutrina divina, na defesa da vida, na benevolência, no respeito pela pessoa humana. "A Palavra de Deus permanece em vós"... isto é, podeis ir à raiz do mal, colaborar na transformação do mundo, torná-lo mais fraterno e mais de Deus. O mundo é o homem sem Deus é algo contra a natureza de ambos, contra a verdade da realidade.

4.3. As perguntas dos jovens. Os jovens se interrogam sobre o futuro. Suas interrogações se concentram em torno de três questões, diz o Papa: a) por que a miséria e a fome coexistem com gastos imensos com armamentos? Por que tantos milhões de prófugos? Por que tanta violação dos direitos humanos? Por que o terrorismo, a tortura e a violência? Por que tantas mortes de inocentes? Por que o progresso se volta contra o homem? b) É possível mudar esse estado de coisas? c) Que devemos fazer para salvar a vida na terra e libertar os jovens da opressão e da injustiça? João Paulo II responde que a ética, a Palavra de Deus, a luta pelo bem comum, a consciência da riqueza que é a juventude, e o esforço da Igreja, são possíveis respostas e encorajamento para a ação transformadora.

O último tema que vamos aqui contemplar gira em torno da educação moral e juventude. Estudaremos as etapas, os fatores, os núcleos da educação moral e acentuaremos a educação para o Amor.

IV. OS JOVENS E A EDUCAÇÃO MORAL.

A) AS ETAPAS.

1. Anomia ou o estágio pré-moral, onde a criança se orienta pelo princípio prazer-dor e onde o fator inicial do crescimento moral é o temor-medo. O critério básico desta etapa é a imitação dos pais, isto é, a moral depende dos que rodeiam a criança.

2. Heteronomia, ou moral externa, onde o critério base é recompensa-castigo, portanto a sanção. As fontes desta moralidade são: a família, a escola, a religião e as amizades. É o tempo da disciplina. Os sentimentos vividos são os de culpa, vergonha, tristeza, pois a criança absorve os costumes. É a força da sugestão e da imitação que levará ao mimetismo, facilidade de imitação.

3. Socionomia, ou moral externa-interna, onde o adolescente sente-se membro da sociedade e se confronta com o tu, a alteridade. Nascem os critérios de obrigação, responsabilidade, dever, louvor-censura, aprovação-desaprovação, certo-errado. Aumenta

O critério base é a convicção pessoal, a opção responsável e livre

o senso do outro, da justiça, a consciência de grupo. É o tempo da simpatia, da confiança, e busca da boa fama.

4. Autonomia, ou moral interna, onde sobressai a identidade pessoal através da ruptura com a família, com as convenções, instituições, tradições. O critério base é a convicção pessoal, a opção responsável e livre, a consciência. É a fase da formação do eu moral e internalização de valores.

B) OS FATORES.

1. A inteligência é um fator decisivo na formação moral em relação à autocrítica, busca de ideais, juízo sobre as conseqüências das ações, previsão do futuro, discernimento, solução dos conflitos, adaptação, elaboração de critérios.

2. O afeto educa mais que um código de normas. Só as pessoas amadas mudam e crescem. Pelo afeto chegamos às convicções, pois sem o coração a pessoa não se educa. Os gestos, a ternura, o afeto, o elogio, o aconchego dão o perfil da personalidade moral equilibrada e madura.

3. Os valores são ideais e direções para as quais a pessoa orienta e polariza sua vida. Os valores são as razões e o sentido do agir. Não temos carência só de afetos, temos carência de valores e de sentido. Os valores oferecem convicções e motivações para a ação, dão significado para a vida.

4. O ambiente, enquanto tem capacidade de sugestão e de persuasão, influencia poderosamente na educação moral. Pensar na formação moral sem a melhora do ambiente é permanecer na ineficácia educacional. Resulta disso a responsabilidade pela atuação sobre o ambiente para que ele não destrua o que a família, a Igreja, a escola tentou construir.

5. O grupo ajuda também o relacionamento humano e o crescimento moral. Sem a vida em grupo não crescemos. Em grupo se faz história e se possibilita a reciprocidade das consciências e o aperfeiçoamento ético. Hoje temos uma riqueza de grupos diferentes como: grupos de jovens, de bairro, de oração, Cebs, associações. . . Tudo contribui para a maturidade moral.

um sistema de educação moral fundamentado em oito "atitudes de base"

6. Eric Erickson criou um sistema de educação moral fundamentado em oito "atitudes de base": confiança-desconfiança, autonomia-dúvida, iniciativa-senso de culpa, produtividade-inferioridade, identidade-não-identidade, intimidade-isolamento, fecundidade-infecundidade, integridade-desespero. Estas atitudes são o suporte da personalidade sadia ou doentia do futuro.

7. O testemunho de vida dos adultos tem valor educativo inestimável. É o que mais convence. Neste sentido entendemos que toda educação moral que não for coerente perde sua força de persuasão. Por exemplo: exigir sem motivar, impor sem vivenciar, saber que está errado e não mudar, negociar e depois não cobrar. Estas incoerências impedem o progresso do amadurecimento moral.

C) OS "NÚCLEOS" DA EDUCAÇÃO MORAL DOS JOVENS.

1. A descoberta do corpo.

Até há pouco vivemos de uma educação anticorporal. Por outro lado, hoje se desenvolve um exagerado culto do corpo. Este quadro é quase dramático para o adolescente, o qual sente seu corpo como algo alheio e até chega a lutar contra seu corpo (ascese física), mas ao mesmo tempo percebe que sua corporeidade é porta de abertura para a comunicação, é carregada de significado, é a visibilidade do espírito.

Cabe aos educadores ajudar o jovem a não desprezar nem idolatrar seu corpo, mas pelo autodomínio, pela educação física, pela estética e pela fé, estabelecer aquela integração tão necessária entre corpo e espírito.

O esporte é uma escola de solidariedade e de ética

2. O jogo e os esportes.

Nos esportes a pessoa lida continuamente com valores morais: relacionar-se com o adversário, abster-se de alimentos, sexo, sono, cooperar com os colegas, altruísmo, saber perder, superar as derrotas, ter espírito de equipe, de concentração, de autocontrole, além dos valores estéticos etc. O esporte é uma escola de solidariedade e de ética.

3. O valor ético do silêncio.

O silêncio é a pátria da profecia, é a linguagem dos amantes, é o lugar do encontro, a geração da palavra. "Escutai o silêncio", dizia D. Hélder aos jovens no Congresso sobre comunicação social em Florianópolis. Silêncio e consciência de si, encontro consigo, são indispensáveis na educação moral.

4. A importância da imaginação.

Sonhar é bom. Utopia é esperança. A imaginação é o instrumental destes valores, pois por ela construímos o futuro, projetamos a vida, crescemos na criatividade, ela é uma ponte de aproximação e de chegada até o outro. A imaginação leva à alteridade, é uma forma de primeiro contato com a realidade.

É preciso aprender a lidar com a imaginação para que ela não sirva de mecanismo de defesa, nem escapismo diante da realidade a ser enfrentada, uma fuga da realidade. É preciso também a "higiene da imaginação", caso ela sirva de desvio da ordem moral.

5. O papel da arte.

Ética e estética se apetecem. A verdadeira arte é o esplendor da verdade e expressão do bem, ou ainda, transparência do Absoluto. Por ela o homem toca o mistério, por isso ela não pode coincidir com o mal, ela exige a ética. Bom e belo são propriedades do ser. É a "ética da beleza". Cinema, teatro, literatura, música, quando fiéis ao bem e à verdade, contribuem para a educação moral.

6. O valor ético do lazer.

Lazer é direito, é cultura, é divertimento. "Deus repousou após a criação" (Gn 2, 3), e ordenou o repouso sabático (Deut 5, 12-14). Eis a "teologia do lazer". No lazer cultivamos a abertura à alteridade, crescemos na comunicação social, aprendemos com as culturas, melhoramos em termos de saúde mental, nos educamos moralmente. Infelizmente hoje o lazer é uma "indústria e mercadoria" de tempo livre, consumismo, férias, festa, esporte, divertimento, turismo, arte. A ausência de ética desvirtua os grandes valores. É preciso recuperá-los com urgência.

7. O valor moral da amizade.

A amizade é uma experiência de amar e ser amado, saber aceitar e ser aceito. É um amor íntimo, intenso e duradouro. Requer sacrifício, doação, benevolência, a "fidelidade na convi-

Se nossos amigos não forem honestos, acabam sendo "nossos inimigos"

vência". É o amor incondicional que se expressa na reciprocidade, partilha, comunicação, apoio. Não cabe na amizade o exclusivismo, a posse, a dependência, mas sim o zelo e o cuidado pelo amigo. Por sua natureza, a amizade tem um "poder de persuasão", porque para os amigos não temos censuras, tudo é bem-vindo. Se nossos amigos não forem honestos, acabam sendo "nossos inimigos" pelo seu poder de persuasão. A amizade é um caminho para Deus, que em sua Aliança se revela aos homens como a amigos. O amor que nos liga a Deus é um "amor de amizade", amor de promoção do outro. Boas amizades aperfeiçoam nossa vida ética.

D) OS JOVENS E A EDUCAÇÃO PARA O AMOR: EDUCAÇÃO SEXUAL

1. Os adultos (pais) precisam solucionar seus problemas pessoais para poderem ajudar os jovens na educação sexual, sem projetar neles os próprios complexos. Este princípio vale também para os educadores, moralistas, catequistas, psicólogos, ministros da Igreja.

2. Ninguém morre por falta de sexo, morremos sim por falta de afeto. Resulta deste princípio que a castidade é possível e que pode fazer bem às pessoas, uma vez que não lhes falte o afeto.

3. Sexo sem eros, sem ternura, sem emoção, sem calor humano e sem intimidade não corresponde à natureza humana. Para ser humana, a sexualidade além do corpo requer o coração e o espírito. É a "trinca legal": sexo, eros, ágape.

4. Educar para o amor é também educar a vontade e educar para os valores. Nossa sexualidade é uma energia poderosa que precisa ser domesticada, conduzida pela vontade e pela sublimação, isto é, pelos valores.

5. Na sexualidade precisamos lembrar-nos de que "não devemos ter vergonha de abordar e admirar o que Deus não teve vergonha de criar" (J. Mohana). É preciso pois superar o tabu e o permissivismo, para alcançarmos aquela desejada "simpatia sexual" que supera o sexo zoológico e o sexo angélico, ambos desumanos.

6. Nossa sociedade consumista criou a ética do oportunismo e do agradável, o que, em termos de sexualidade, chamamos de "orgasmolatria". Esta obsessão pelo sucesso no prazer criou um novo tabu: a obrigação de sair-se sempre bem, o dever de ter sucesso a todo custo, a "infalibilidade na arte do prazer". Este tabu é tão escravizante como o antigo da proibição.

7. A pessoa humana é uma "célula sexual que se desenvolveu". Descobrir e amar a sexualidade é descobrir a própria pessoa humana, pois nossa sexualidade é onipresente em nós. Somos sexo, ele está em nós, no corpo, na alma, no psiquismo. Interessar-se pela sexualidade é interessar-se pela pessoa humana. Cada pessoa é um "desejo eterno de Deus" que hoje existe e que se encarnou pela mediação da sexualidade.

Nossa bandeira sexual a ser defendida é a da "justiça erótica"

8. A sexualidade humana é uma ordem de encontro, de comunhão e de comunicação. É abertura ao outro até chegarmos ao grande Outro, ao Face-a-Face, como diz E. Dussel. "A sexualidade é a antecipação escatológica da proximidade do Outro" (idem).

9. Nossa bandeira sexual a ser defendida é a da "justiça erótica" (A Paoli). Nem feminismo, nem homossexualismo, mas um melhor relacionamento entre o homem e a mulher.

10. Nossa sexualidade é profundamente simbólica, carregada de significados dissonantes como: agressão, ternura, rejeição, rancor, narcisismo, exibição, auto-afirmação, vitória. Nunca esqueçamos que, depois de cada queda, quem procura levantar-se e recomeçar é uma pessoa casta. Não esqueçamos, também, que a mais elementar justiça a dar a nossos filhos é a de tratar os meninos como meninos e as meninas como meninas.

CONCLUSÃO

O tema desenvolvido neste artigo suscita muitos questionamentos à moral, aos adultos, à Igreja e aos jovens. Num primeiro momento percebemos que a moral dos adultos é inspiração tanto da moralidade dos jovens como fonte de seus protestos a esta mesma moral. Por outro lado, os jovens tornam-se construtores da nova moral para os adultos, contribuindo para a chamada "revolução moral".

Descobrimos, igualmente, que a moralidade está intimamente ligada à classe social. Nosso agir moral é sempre situado em contextos sociopolítico-econômicos. Neste sentido, a moral tradicional também falava dos "pecados tropicais", numa tentativa de situar a moral até na geografia.

João Paulo II ajudou-nos a encontrar no ser mesmo do jovem uma riqueza original de moralidade, de busca de valores e de perguntas que interrogam sobre o sentido da vida, o presente e o futuro.

Na parte final, nos fixamos na questão da educação moral com uma gama imensa de propostas na esperança de uma reeducação da consciência, de uma nova escala de valores e até de uma recuperação da ética como proposta para a construção da nova sociedade.

BIBLIOGRAFIA

VV. AA. Juventude sem futuro?, *Vozes, 1985*.
VV. AA. Os Jovens e a Juventude, *Vozes, 1985*.
VV. AA. Pai, quem é teu filho?, *Escola de Pais, 1989*.
CARRIER, H. Os Jovens e a cultura que se anuncia, *Seminarium, julho-dezembro, 1982*.
FURTER, P. Juventude e Tempo Presente, *Vozes, 1975*.
JOÃO PAULO II, Carta Apostólica aos Jovens e às Jovens do Mundo, *1984*.

Endereço do autor:
ITESC — Cx. Postal 5.041
88041 — Florianópolis, SC